

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A caminho do triunfo: Da dádiva divina à aprendizagem no futebol .

Fernando Renato Cavichioli, André Mendes Capraro, Leôncio José de Almeida y Aline Barato Cheluchinhak.

Cita:

Fernando Renato Cavichioli, André Mendes Capraro, Leôncio José de Almeida y Aline Barato Cheluchinhak (2009). *A caminho do triunfo: Da dádiva divina à aprendizagem no futebol*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1901>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

**A caminho do triunfo:
Da dádiva divina à
aprendizagem no
futebol**

Fernando Renato Cavichioli – UFPR/CEPELS – cavicca@ufpr.br¹

André Mendes Capraro – UFPR/CEPELS – andrecapraro@ufpr.br²

Leôncio José de Almeida – UFPR/CEPELS – leojar_edf@yahoo.com.br³

Aline Barato Cheluchinhak – UFPR/CEPELS – ali_barato@yahoo.com.br⁴

O caminho que o zagueiro Fabrício seguiu nesta quarta, de trocar o Flamengo pela Alemanha antes de jogar no time profissional, não é novidade na Gávea. Depois de ser pouco aproveitado no Rubro-Negro, o meia Alanzinho transferiu-se para o Stabaek, da Noruega. Foram três anos e meio de sucesso, com títulos pessoais e coletivos. Nesta semana, o melhor jogador do país escandinavo acertou a transferência para o Trabzonspor, da Turquia, por cerca de R\$14 milhões. O Flamengo ganhará uma parte desta quantia por ser o clube formador - cerca de R\$ 700 mil. (Esportes. Site da UOL, 27 de janeiro de 2009).

¹ Professor Doutor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná UFPR/CEPELS.

² Professor Doutor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná UFPR/CEPELS.

³ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná UFPR/CEPELS.

⁴ Mestranda em Educação Física da Universidade Federal do Paraná UFPR/CEPELS e bolsista da CAPES.

Introdução

Aprender a jogar futebol no Brasil sempre esteve respaldado no significado cultural de sua prática, isto é, desde a infância os brasileiros são influenciados por este significado, ao receberem bolas e uniformes de clubes mesmo antes de aprenderem a andar, ao assistirem inúmeras partidas de futebol nos estádios e na televisão antes mesmo de disputarem sua primeira partida formalmente. Quando crianças, jogam em qualquer lugar onde uma bola possa quicar, rolar e ser chutadas e fazem da expressão “jogar bola” uma identificação praticamente privativa da prática do futebol (Freire, 1998).

É longo o caminho entre o reconhecimento de a criança “tem certo talento” para o futebol, desde os círculos familiares e escolares, até a lapidação desta espécie de “aptidão aparentemente inata” nos clubes especializados. No caso da criança ser bem sucedida no futuro, seu esforço se reverterá em recompensa monetária, inclusive, em casos específicos, de proporções astronômicas. Este é o sonho de muitos garotos – e, por vezes, muito mais de seus pais – e uma realidade para poucos. E mesmo estes poucos que conseguem chegar ao final do processo de lapidação têm que lidar com as especificidades da futura profissão; dentre elas, a constatação inexorável de que a quantidade de jovens que se lançam neste mercado de trabalho no Brasil é crescente⁵.

O desejo do público de ver performances esportivas cada vez mais refinadas no tangente a estética física e técnica (Damo, 2005) exige dos futuros atletas dedicação intensa, fazendo que seus pais e familiares procurem locais específicos para a aprendizagem formal em idades cada vez mais tenras. É justamente esse processo de formação que foi averiguado por esta pesquisa – caracterizada por ser qualitativa, utilizando a observação que ocorreu durante um ano em um clube especializado na formação de futuros jogadores de futebol na cidade de Curitiba, Estado do Paraná.

O clube observado desenvolve a modalidade de futebol de salão (futsal) – considerada pelos pais como essencial e mais produtiva que o futebol de campo em idades iniciais – a partir dos 5 anos de idade. Como procedimento metodológico, foram observadas as práticas (tanto nos treinos quanto nos jogos) e registradas as falas dos pais e crianças das categorias compreendidas entre 5 e 13 anos e dos três professores que acompanham as equipes. Os nomes dos garotos apresentados no texto são fictícios. Os professores foram identificados com números apenas. A observação de

⁵ DAMO, A. S. *Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre, 2005 (Tese de Doutorado).

campo ocorreu entre o final de 2007 e o final de 2008, em diferentes locais como arquibancada e lanchonete, restaurantes, ou eventos festivos, tais como, festas de aniversários. No texto estão contidas as falas dos atores sobre o mundo do futsal e do futebol de campo, planejamento e educação.

A fase da infância e o início da adolescência são circundados por um regime de treinamento metódico bastante severo, sendo que, nesse processo dinâmico, as formas de conduta predominante aprendidas e não aprendidas, inclinam-se fortemente em favor da primeira, por meio de trabalho exaustivo. Ao examinar mais cuidadosamente estes anos de aprendizagem, observa-se evaporar ante “olhos atentos” o conceito de que “o talento inato para o futebol” estivesse presente desde o início, materializado naqueles que chegaram ao triunfo, independente das experiências motoras a que foram submetidos. Além disso, os gestos motores aprendidos não estão indissolúvelmente ligados às peculiaridades de vida de cada um desses garotos a que se aplica os adjetivos de talentosos ou geniais.

Para tanto, aventa-se que a crença de que os garotos nasceram no Brasil com a “dádiva” de jogar futebol é parcialmente aceita por alguns pais, crianças e professores. Por outro lado, significativa parcela de pais e professores acreditam que a “dádiva” – embora presente nos discursos e nos jargões populares – é relativa. Sendo assim, o desenvolvimento dos garotos é mais centralizado numa tendência que permeia a lógica da produção, isto é, há um planejamento dos pais (mesmo que difuso) e professores na formação da criança-atleta e da criança-cidadão. Partimos, então, da premissa que o fato da busca pelo clube esportivo já se configura como indicativo de planejamento esportivo da família em longo prazo para as crianças. Portanto, locais públicos (ruas e praças) ou o espaço escolar não são considerados pelos pais como adequados à evolução nesta área. Tal premissa aponta para uma possível inversão de valores⁶, a mítica do talento inato dá lugar à aprendizagem sistematizada, como forma de se obter o triunfo.

Por mais que o futebol tenha incorporado o léxico do mercado, da ciência, do trabalho e de outros campos afeitos à seriedade do mundo adulto, não é demais ressaltar que as performances atléticas destinam-se ao entretenimento, à excitação e a sociabilidade do seu amplo e diversificado público.

⁶ Edson Arantes do Nascimento (Pelé), considerado por muitos como o maior jogador de futebol do mundo, declarou que “futebol não se aprende”, reforçando a crença que já se nasce no Brasil sabendo jogar futebol. Entrevista ao Jornal Nacional, dia 21 de janeiro de 1999. (Scaglia, 1999, f.35) SCAGLIA, A. J. *O Futebol que se aprende e se ensina*. Campinas, Unicamp, 1999 (Dissertação de Mestrado). Pode-se fazer, então, a seguinte analogia: o Brasil já foi bicampeão mundial de basquetebol e tinha-se, desta forma, a dádiva divina para tal esporte; conseqüentemente as crianças já nasciam com o talento de encestar. E agora que o país não participa de três Olimpíadas e com resultados pífios nos Mundiais, já não nascem mais crianças com esta dádiva. Talvez seja porque o criador tenha direcionado o talento de nossas crianças nas últimas três décadas ao voleibol, esporte que o Brasil foi campeão Olímpico e Mundial na última década.

A aprendizagem para desenvolver o “talento”: com a palavra pais, professores e pequenos atletas

A ação de levar as crianças para os clubes e suas respectivas escolinhas de futebol ou turmas de treinamento sempre foi iniciativa dos pais. Na verdade, na sua grande maioria, foi exclusivamente do pai, sob o incentivo de parentes ou do professor de educação física da escola onde o garoto estuda. Essa inserção ocorre por diferentes razões que envolvem o planejamento do processo de aprendizagem/futuro traçado pelas famílias em relação aos filhos e sua inserção na sociedade, tais como: a) vestir a camisa de um clube e poder participar de uma equipe é essencial para a sociabilidade, destacando a necessidade de pertencimento a determinado grupo; b) os treinamentos de futebol de salão nos clubes são rígidos e disciplinados, e, conseqüentemente disciplina é essencial à formação do ser humano; c) a importância da integração social com diferentes camadas da população brasileira, como filhos de empresários, médicos e jornalistas, militares, motoristas, pedreiros, entre outros, formam um espaço multicultural, importante na integração e rivalização, que, segundo os pais, interferem na formação da personalidade da criança; e, d) o talento “inato” que parece existir nestas crianças têm que ser desenvolvido, oportunizado por meio de métodos já testados em outras crianças e que, após anos de treinamento (neste mesmo clube) se destacaram em grandes clubes do Brasil.

Há, entretanto, um fio condutor implícito nas razões enunciadas pelos pais, é justamente a questão que causa muito orgulho a todos eles: a constatação de que o filho tem talento, ou, como é expresso literalmente em conversas entre os pais “o meu filho leva jeito para jogar futebol” (Diário de Campo, 25 /11/2007). Isso faz com que os pais se realizem pessoalmente; pois alguns relataram a falta de oportunidade na sua infância, o que inviabilizou que se tornassem grandes jogadores. Na concepção iluminista, a questão do gênio – e, conseqüentemente, a do talento – era posta em termos de um dom natural, um legado ocasional da natureza.⁷ Até início do século XIX, não existia ainda a idéia do gênio como indivíduo, isto é, não havia a referência ao indivíduo como o possuidor de uma dádiva divina especial. A concepção posterior de gênio como indivíduo extraordinário – a noção de sujeito de raro talento, com consciência singular do processo artístico – é uma idéia romântica. Somente no romantismo o gênio tornou-se o indivíduo espetacular que, no livre e deliberado exercício de seu talento pessoal, rompendo com os limites do seu tempo, quebra os

⁷ Nas palavras de Kant: “Gênio é o talento (dom natural) que dá à arte a regra. Já o talento, como faculdade produtiva inata do artista, pertence, ele mesmo, à natureza. [...] Poderíamos também exprimir-nos assim: O gênio é um favorito da natureza, tal que só se pode considerá-lo como um fenômeno raro; o seu exemplo, para outras boas cabeças, produz uma escola, isto é, uma instrução metódica segundo regras, na medida em que se tenha podido extraí-las daqueles produtos do espírito e de sua peculiaridade; e, para estas, a bela-arte é, nessa medida, imitação, à qual a natureza, através do gênio, deu a regra.” Cf. KANT, I. *Da arte e do gênio: crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

padrões e extrapola a ordem, fazendo avançar as formas de expressão e criando novas condições a partir das quais os outros possam recomeçar, abrindo caminho para que outro indivíduo genial rompa com o estabelecido.⁸

Quando detectado o talento há uma difícil decisão que os pais têm que tomar: qual é o local mais adequado para o desenvolvimento dessa genialidade? Nota-se que a rede de sociabilidade da família ligada ao seu capital cultural e econômico⁹ é decisiva para a escolha. Enfim, um gênio e futuro craque do futebol não pode começar simplesmente no campinho do bairro ou em qualquer time de escola. A opção de aprendizagem logo recai no clube, e este não pode ser qualquer um tem que ter “*pedigree*” – termo usado por um pai (Diário de Campo, 18/02/2008). Então, algumas questões entram em cena: quantos atletas o clube revelou nos últimos anos? Quantas vezes o clube foi campeão em competições oficiais? Como é a estrutura física e a formação dos profissionais (há uma supervalorização se o professor no passado atuou em clubes do futebol)? Qual o valor das aulas e em quantos dias da semana os treinos ocorrem? Entre outras, também cruciais na escolha do clube. Neste processo decisório e de aprendizagem dos pais e familiares, nota-se que o imaginário social é complexo e multifacetado, porém com uma concepção bem definida há sempre alguém que vê no talento o caminho mais rápido para criança (e quiçá da família e seus agregados) ter sucesso profissional e pessoal.

Nas diversas observações acerca das conversas entre os pais e em alguns momentos entre as próprias crianças, especificamente quando se comparam entre si, em síntese aparece a idéia de que uma pessoa habilidosa poderá desenvolver melhor a parte tática e técnica do futebol. Assim, segundo os pais, crianças e professores se alguém tem talento para jogar futebol, então, este deve ser potencializado, isto é, chutar, tocar, matar a bola no peito, na coxa, com os pés, entre outros, são elementos do universo do futebol que devem ser lapidados. Existem outros elementos que aparecem principalmente na forma dos técnicos se expressarem. Estes podem ser sintetizados no diálogo do professor 1 com um dos pais: “[...] talento alguns deles têm, mas temos que provocar situações, criar exercícios onde o talento apareça [...] mas nada vai adiantar se o garoto não tiver persistência, muita vontade, disciplina e também ser humilde.” (Diário de Campo, 13/05/2008). Entre os elementos contidos na fala do professor, sua somatória explica, em parte, como a criança talentosa consegue prosseguir e como outras desistem no transcurso. E também como algumas crianças nem tanto talentosas conseguem progredir com o auxílio dos profissionais. Talento ganha vida, torna-se concreto e visível ao ser coligado a alguns elementos que pais e professores

⁸ Para Hegel: “gênio é aquele que tem o poder geral da criação artística bem como a energia para exercer tal poder com o máximo de eficácia. Tal poder e tal energia são, porém, essencialmente subjetivos, pois a produção espiritual só pode existir num sujeito consciente do que quer dos fins que se propõe, da obra que pretende realizar”. Cf. HEGEL, G. W. Estética: o belo artístico e o ideal. 3ª Ed., São Paulo: Abril Cultural, 1985 - (Os Pensadores).

⁹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

consideram honrados (persistência, vontade de aprender, garra). É neste momento que a criança começa a trilhar seu caminho ao triunfo.

Alguns dos pais em conversas informais invocam que o talento do filho é algo herdado (hereditário), pois no passado a família teve algum parente que levava “jeito para jogar bola”; outros acreditam que o talento é genético (Diários de Campo, 27/11/2007; 12/04/2008; 17/05/2008; 31/05/2008). Segundo eles, isso os diferencia dos demais garotos que com a mesma idade não tem desempenho semelhante a dos “escolhidos”, isto é, aqueles que receberam esta “dádiva divina” (Diário de Campo, 04/12/2007). Na verdade, a dádiva divina é um objeto de crença, e alguns dos atores entrevistados direcionam seus discursos tecendo um amalgamento entre habilidade inata e adquirida.

Quando alguns pais chegam ao clube pesquisado para assistir o treinamento da equipe principal da categoria correspondente a idade do seu filho considerado até então pelo próprio pai como talentoso, é nítido o desconforto e até o constrangimento a que são expostos. A primeira constatação é a de que o “gênio” e “talentoso” filho irá precisar se esforçar muito para adquirir o mesmo padrão de jogo dos demais que estão na equipe há mais tempo. O pai ¹⁰ de “Carlos” (7 anos) comentou com um outro pai: “[...] desde muito pequeno o meu garoto apresentava a facilidade nos fundamentos do futebol, chutava com precisão e dominava a bola como poucos na idade dele [...] mas vendo esses garotos da equipe do Clube da mesma idade jogando [...] não há comparação. Eles são muito mais rápidos no raciocínio e na velocidade de execução” (Diário de Campo, 18/02/2008). Mas as dúvidas dos pais prosseguem, pois o clube, tão bem recomendado, não tem uma grande estrutura física e o linguajar dos professores não são tão polidos como no ambiente escolar. Contudo, há pontos positivos que contam a favor: foram campeões por diversas vezes em diferentes categorias, os professores têm formação superior, alguns estiveram em grandes clubes do futebol profissional, formaram alguns atletas que se destacam no futebol de salão e futebol de campo nacionalmente e internacionalmente e têm uma rede de contatos com diversos clubes de futebol do Brasil e com alguns clubes de futebol de salão na Itália e Espanha (Diário de Campo, 25/02/2008).

Na seqüência, outro constrangimento foi observado. Um dos pais descobre que o número de crianças escolhidas para participar da equipe representante do Clube na Série Ouro já foi

¹⁰ O pai de “Carlos” tem formação técnica em Química. Nunca frequentou um curso Universitário. Jogou futebol até os 15 anos, quando foi inserido no mercado de trabalho. Sempre ressalta que jogaria em bons clubes do exterior caso tivesse prosseguido no ramo do futebol. Projeta no seu filho esta possibilidade de vida no âmbito do futebol, mas notou logo de início que ele teria que se esforçar mais. Desconfia se o filho vai ter essa mesma vontade de treinar e jogar futebol daqui alguns anos, então, paralelamente ao futebol projeta uma carreira de engenheiro para seu filho.

escolhido no ano anterior ¹¹. Portanto, cabe a ele encaminhar seu filho às escolinhas de futebol que o próprio clube mantém. Nota-se, a diferença entre a equipe principal de cada categoria e as escolinhas de futebol: na equipe estão os garotos selecionados e considerados mais habilidosos; já nas escolinhas estão os garotos iniciantes, que não participam de campeonatos oficiais e têm que pagar pelas aulas.

Assim, os “ex-talentosos” começam sua caminhada dentro do clube. Não há um tempo específico para ascender à equipe. Primeiro, terá que se esforçar nas aulas e se destacar. Isso não é um processo totalmente planejado pelos pais, essa fase do aprendizado, inicialmente, não parecia necessária para alguns deles e para algumas crianças que simplesmente pensavam que estavam indo jogar/brincar e não treinar. A grande maioria dos “ex-talentosos” sofre grande pressão. Um erro de fundamento, um exercício – por vezes complexos – não entendido desperta a fúria do treinador (Diário de Campo, 04/03/2008). A mãe de “Marcos” (9 anos) não se conformou com as palavras de baixo calão e o mau humor que tinha como alvo seu filho, vivia reclamando com os outros pais... “[...] tudo que ocorre de errado nas aulas, acaba sendo culpa do “Marcos”, esse professor é muito exigente” (Diário de Campo, 06/05/2008).

O plano da família de “Marcos” era que ele fosse um centroavante profissional. Porém, após semanas de treinamentos ficou nítido o desinteresse da criança pelo esporte. Certa vez, nos intervalos do treinamento. “Marcos” disse: “Eu detesto futebol e detesto esse monte de exercícios, só venho aqui para jogar no gol, assim não tem necessidade de correr muito”. Alguns meses depois, o treinador de “Marcos” confidenciou aos outros pais que a intenção do clube é revelar talentos, e isso, segundo ele, não surge por acaso,

[...] veja só aquele gordinho, o “Marcos”, não adianta, ele nem gosta de correr, de saltar, de pular, e os pais querem que ele seja jogador. A mãe um dia veio falar comigo e me indagou por que o filho sempre levava algumas broncas. Então respondi que enquanto estivesse dando atenção ao filho dela, seria para a família não se preocupar ele poderia seguir em frente [...] Bom, achei que poderia abreviar o sofrimento do garoto, e parei de dar atenção a ele (Diário de Campo, 19/06/2008).

“Marcos” ficou no clube durante 6 meses. Neste período, durante os treinamentos procurava se esquivar dos exercícios. Hoje, segundo os colegas do clube, pratica aulas de violão e judô em outro clube da cidade.

¹¹ Na federação paranaense de futsal há divisão entre Série Ouro (os mais talentosos) e a Série Prata (os iniciantes). Isso ocorre na categoria sub 7, sub 9, sub 11 e sub 13. Depois disso, os critérios seletivos aumentam, só restando a Série Ouro.

O planejamento familiar, em alguns casos, é difuso e muito superficial, mas para grande maioria que procurou o Clube, as etapas no futsal/ futebol de campo estão bem definidas.¹² No primeiro ano as crianças devem freqüentar as escolinhas de futebol e se esforçar o máximo para se destacar. Constatou-se que, em alguns casos, que os pais levavam os seus filhos para outras quadras no clube em dias diferentes dos treinos, procurando, na medida do possível, repetir os exercícios executados em quadra pelo treinador. Foi o caso dos irmãos “Bruno” e “Breno”. Enquanto “Bruno” (11 anos) treinava com a equipe da Série Ouro, seu irmão, “Breno” (7 anos), era submetido pelo pai a um treinamento rigoroso: “Ele ainda não está no mesmo nível dos demais goleiros da equipe de sete anos, mas pode ser titular... Ele tem que ser mais rápido e tem que aprender melhor o tempo de bola” – comentou com um dos pais (Diário de Campo, 07/04/2008). O treinamento ocorreu por mais de uma hora.

No caso do garoto se destacar (ou do esforço ser reconhecido), é convidado para compor a equipe da Série Prata. Um bom desempenho no campeonato da Série Prata pode render um convite ou período de experiência na equipe da Série Ouro. Fazer parte da equipe da Série Ouro até doze ou treze anos, segundo os pais, é capital para aprimorar os fundamentos e adquirir experiência, e, então, é chegado o momento de decisão: continuar no futsal e galgar no futuro um teste em uma equipe do campeonato estadual, quiçá numa equipe do campeonato nacional; ou encerrar a tentativa de se tornar atleta profissional e focar nos estudos. Caso a escolha seja a primeira, na ponta deste planejamento estão as equipes de futsal da Espanha, Portugal ou Itália, para onde são encaminhados os garotos que se destacam aos 17/18 anos.¹³ As equipes destes dois países propiciam como remuneração para os recém contratados algo entre 3.500 e 5.000 euros. Como a maioria dos treinos são somente no turno da noite, propiciam tempo livre para continuar os estudos numa Universidade (isso é destacado pelos pais como um ponto fundamental em relação à educação dos filhos) ou até o exercício de outro ofício no turno diurno. Mas esta opção de jogar futsal é em grande parte para aqueles que obtiveram cidadania européia. Outra opção é seguir o caminho junto aos clubes profissionais de futebol de campo, a partir dos treze/quatorze anos. Para os especialistas, o futsal possibilita maior contato com a bola, conseqüentemente a participação efetiva também aumenta, as crianças aprendem a jogar em espaços reduzidos e o

¹² A pressão exercida funciona como um rito de passagem. Cf. DA MATTA, Roberto. O carnaval como rito de passagem. In: DA MATTA, Roberto. Ensaios de antropologia Estrutural. 2ª Ed.: Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes; 1997.

¹³ O quadro abaixo mostra as transferências para o exterior no transcorrer de 2008 e dos dois primeiros meses de 2009.

	Cazaquistã o	Espanh a	Itália	Portugal	Qatar	Rep. Tcheca	Rússia	USA	Total
200 8	-	6	21	9	1	1	-	-	38
200 9	4	1	24	2	-	-	1	1	33

Cf. Site de Federação Brasileira de Futebol de Salão. (Site <http://www.cbfs.com.br>)

raciocínio rápido, entre outros pontos, que são considerados vantajosos para quem pretende iniciar posteriormente a prática do futebol de campo (Freire, 1998).

Todo planejamento é dependente do clube escolhido. Para os pais e professores o processo de aprendizagem e inserção social da criança, o clube tem participação efetiva. Segundo os próprios pais, quanto mais a criança permanecer no clube, jogar partidas amistosas e participar de campeonatos oficiais, melhor transcorrerá o processo. No Clube, além dos treinamentos para os garotos da Série Ouro e aulas nas escolinhas para os garotos da Série Prata, no início do ano são programados vários jogos amistosos. Normalmente são contra equipes escolares ou de equipes da região metropolitana que não participam de competições oficiais. Ocorrem também alguns jogos internos, reunindo as crianças da Série Ouro e Prata (Diário de Campo, 08/04/2008). Para os pais esses jogos servem para analisar o potencial do seu filho e rivalizar-se com os demais. Torna-se um processo de aprendizagem para as crianças e para os pais também que acabam reavaliando os planos para o futuro do filho na modalidade de futsal/futebol de campo ou mesmo refletindo se há algum futuro para a criança neste esporte (Diário de Campo, 15/04/2008). Esperançosos, os pais entendem que a aquisição de habilidades necessárias para prática da modalidade passa por um longo processo de aprendizagem pelos quais as crianças devem ser submetidas (Diário de Campo, 20/04/2008). Paralelo ao mundo do futebol, os pais apresentavam vários planos na área educacional. Sem exceção citam a necessidade dos filhos cursarem o ensino superior. O pai de “Jonas” (13 anos) comenta com outro pai que...

é diferente de vinte e cinco anos atrás. Eu treinava todos os dias desde os 15 anos e tinha que estudar a noite. Cheguei a me profissionalizar, participei do campeonato estadual. [...] aos vinte e dois anos machuquei o joelho. Vocês sabem... naquela época não tinha operação/recursos para recuperar um jogador, então fui ser comerciante, porque não tinha estudo nenhum (Diário de Campo, 09/092008).

A grande maioria dos pais aponta para a necessidade de cursar uma universidade. Destacam que o acesso ao ensino superior é possível para uma camada maior da população brasileira desde a última década¹⁴ (Diários de Campo, 25 /11/2007; 04/12/2007; 06/05/2008).

¹⁴ A afirmativa dos pais condiz com a realidade já que a educação superior brasileira, que se manteve relativamente estagnada ao longo da década de 80, retomou seu crescimento nos anos mais recentes, e tende a se expandir cada vez mais nos próximos anos. Este crescimento se deve, em parte, à grande expansão ocorrida no ensino médio, que tem crescido a taxa de até 20% ao ano em algumas partes do país, aumentando, desta forma, o número de candidatos nos cursos superiores. Alguns autores como Simon Schwartzman defendem a tese de que desde o início deste século que o ensino superior brasileiro já estava passando por uma importante revolução silenciosa, que poucos percebem em sua abrangência, mas que pode levar a um estágio muito melhor do que o atual. Cf. SCHWARTZMAN, Simon. A Revolução Silenciosa do Ensino Superior. In: RIBEIRO, Eunice; SAMPAIO, Helena. *O Ensino Superior em Transformação*, São Paulo, Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (NUPES/USP), março de 2000, pp 13-30.

Nesse processo dinâmico, as formas de conduta esportiva predominante não aprendidas e predominantemente aprendidas, pendem fortemente em favor das últimas.¹⁵ A conduta esperada pelos pais neste processo de aprendizagem é que seus filhos tenham contato com um planejamento pautado em exercícios sistematizados, e que isso lhes possa garantir uma vantagem muito grande sobre os demais garotos. Portanto, a ênfase é no comportamento amplamente governado por mecanismos aprendidos.

Após alguns meses de observação regular das aulas e treinamentos, é possível afirmar que o destaque dado ao planejamento, a racionalização do tempo, a lapidação do atleta, entre outros, acentuam que os modos predominantes aprendidos de direcionamento comportamental no esporte futebol, tornam-se mais importantes e indubitavelmente dominantes em relação aos modos não aprendidos no caso, especificamente ao que é relacionado ao talento: ser veloz, ágil, rapidez de raciocínio, etc. Tudo isso é enaltecido pelos professores, contudo a intervenção deles no processo de aprendizagem é muito mais destacada (Diários de Campo, 25/02/2008; 19/06/2008) Surge uma nova hipótese, a de que para os garotos praticarem futebol de forma competitiva no futuro, existe uma condição *sine qua non*: estar atrelado a uma dependência de aquisição de formas de conhecimento aprendidas como principal forma de orientação neste meio esportivo. Corroborando, sabe-se que a aprendizagem de uma criança se torna possível pela interveniência de dois processos: um processo biológico de maturação e um processo social de aprendizagem. Aqueles que acompanham durante uma temporada o progresso de um garoto, por meio de aprendizagem de gestos motores, dificilmente podem deixar de notar como este processo de aprendizagem está intimamente relacionado ao processo de maturação biológica e um processo social de aprendizagem.¹⁶ Nota-se que o aprendizado sistematizado é destacado pelos pais como “tanto necessário quanto possível” (Diário de Campo, 18/02/2008). O que especialistas podem questionar é se esta precocidade na aprendizagem se faz tão necessária.¹⁷

O Clube pesquisado está filiado a Federação de Futebol de Salão do Estado, tendo os campeonatos geridos por essa entidade com duração de 9 meses. Entre jogos e treinamentos, o clube ofereceu em 2008, um total de aproximadamente 187 horas na série Ouro e 146 horas na série Prata na categoria sub 7 e sub 9. Na categoria sub 11 e sub 13 perto de 300 horas. Comparado com outros investimentos que alguns pais citaram (Diário de Campo, 22/04/2008), as horas destinadas ao futebol são maiores que um curso anual de inglês, judô ou violão; por outro lado, são

¹⁵ Cf. ELIAS, Norbert. Sobre seres humanos e suas emoções: um ensaio processual-sociológico. Publicado pela primeira vez na Revista: Theory, Culture and Society, 4, 1987. Posteriormente publicado na Revista The body: social process and cultural theory, 1991.

¹⁶ Cf. MALINA, Robert M.; BOUCHARD, Claude. *Atividade Física do atleta Jovem; do crescimento a maturação*. 1ª Ed. São Paulo; Roca: 2002.

¹⁷ Cf. WEINECK, Jürgen. *Biologia do Esporte*. São Paulo. Manole, 2000 (em especial o Capítulo V – Juventude e esporte)

menores do que a carga horária de 800 horas anuais destinadas a educação regular nas escolas brasileiras¹⁸.

A filosofia do Clube, segundo seus professores, é de revelar jogadores (é fato que alguns jogadores de futsal e futebol de campo, que atingiram o triunfo nacional e internacional passaram pelo processo de aprendizagem neste clube). De acordo com os professores, a crença no talento é relativizada; aparece em algumas conversas, mas é nítida a importância dada à aprendizagem sistematizada, das quais eles participam ativamente do processo. Os professores destacam que o trabalho desenvolvido no clube se aproxima da lapidação de um diamante: “Você tem que ter paciência, o garoto chega aqui com seis, sete anos, aí você trabalha todos os fundamentos a exaustão, faz por temporada mais trinta jogos em cada ano e lá por dezesseis/dezessete anos já dá par ter uma boa noção. [...] é um processo longo um pouco diferente de uma fábrica” – afirma o professor número 2. O que se discute – além do biotipo do garoto e dos pais, assim como sua descendência européia ou não – é como moldar o garoto, como destaca o professor 1: “[...] o peladeiro,¹⁹ tem habilidade, dribla fácil, [...] e não tem a mínima noção de jogo coletivo, em fazer parte de uma equipe de futebol” (Diários de Campo, 18/08/2008; 30/08/2008; 08/11/2008).

Áreas de aprendizagem e controle motor, psicologia são lembradas pelos professores nas conversas entre si e com os pais, muitas delas emaranhadas com um senso de prática, após vários anos de profissão, como narra o professor 2:

[...] olha é possível fazer um gordinho jogar bola, mas aí vocês [os pais] têm que colaborar no aspecto da alimentação, pois 3 ou 4 horas semanais de treinamento não resolvem o problema dele. A genética ajuda no futebol, mas é diferente do basquetebol e voleibol que precisa dos gigantes, aqui [no futebol] há espaço para o baixo, para o alto, mas tem que treinar muito, muito... Vocês têm que entender que, é necessário dar tempo aos garotos. Tem um garoto de 8 anos aqui na escolinha, falei para o pai dele outro dia, ele é muito lento, mas é dedicado, inteligente, e faz todos os exercícios com muito prazer, então espere ele atingir treze/quatorze anos, vamos treiná-lo e deixá-lo muito mais veloz. Se vai dar certo ou não, realmente não sei, mas tem que esperar, estamos no caminho certo. É um pouco diferente do processo da fábrica, lá você controla melhor as variáveis, aqui (no Clube) são tantas variáveis, que você tem que contar com a sorte (Diário de Campo, 11/10/2008).

¹⁸ Na faixa etária da pesquisa (9-13 anos), os garotos têm que freqüentar 200 dias letivos com duração de 4 horas diárias de ensino. Comparando com a Itália – destino de muitos dos jogadores de futsal – as horas aulas são de 40 horas semanais.

¹⁹ Termo utilizado para definir o atleta habilidoso e malandro. Este geralmente não respeita o técnico, e se presume que não vai chegar à categoria profissional caso não passe por um processo de aprendizagem nos clubes formadores (Diário de Campo, 19/06/2008).

Os professores entendem que os fatores genéticos e as experiências motoras anteriores são importantes. Em encontros sociais no clube, ou mesmo na lanchonete, logo ao lado do ginásio, foram registradas conversas informais entre os pais e os técnicos. Nestas, por várias vezes, os técnicos pediam para os familiares não tornarem... “o mundo do futebol” o único das crianças. O professor 3 comentou com um pai: “brinque com seu filho, vá empinar pipa, faça um carrinho de rolimã, leve ele ao cinema, [...] pode deixar que quando voltar de férias faço a parte chata nos treinos, pois o planejamento do ano que vem já está feito”. Com anos de prática, esse último professor confidenciou que empiricamente acredita que as experiências motoras fora das aulas de futsal (as brincadeiras, os jogos infantis) são essenciais para que as qualidades de um jogador possam florescer. Por mais que a mística do talento possa persistir e por vezes ser retomada pelos pais e os próprios professores, no Clube esse processo de aprendizado é considerado como o mais importante, pois só ter talento não basta, ou melhor, como expressaram alguns professores, “[...] o garoto pode ter talento, mas sem um trabalho de lapidação, ele acaba virando “peladeiro” (Diários de Campo, 04/03/2008; 19/06/2008).

A caminho do triunfo

Três horas por semana é o mínimo que as crianças que participam das atividades no futebol de salão permanecem no Clube. Nota-se que o planejamento das aulas é uniforme entre os professores: uma hora e dez minutos de treino técnico (domínio de bola, passe, condução de bola...) e vinte minutos de treino tático (posicionamento em quadra/coletivo).

A dinâmica da aula mostra coerência com o discurso dos técnicos. A genética e experiências anteriores podem favorecer o desempenho de algumas crianças, mas a ênfase do trabalho está centrada na aprendizagem do gesto e na repetição ²⁰. Os técnicos entendem que a aprendizagem é fruto da repetição dos movimentos (por exemplo, foram contabilizados mais de 300 passes, em diferentes situações, durante um único treinamento da equipe da Série Ouro da categoria sub 11 e mais de 60 chutes à gol de cada atleta) e das experiências proporcionadas por eles. Soma-se ao treino de quadra as demais experiências que os garotos vivenciam fora do âmbito do futebol e o desenvolvimento maturacional físico e emocional como parte principal do processo ensino-aprendizagem. Em certa ocasião, o técnico 2, citou conceitos de aprendizagem motora: “Trabalhamos primeiro com a perna dominante do garoto, depois que tal aprendizagem está sedimentada, então passamos para os exercícios do lado não predominante, pois é assim que

²⁰ CAMPOS, Wagner de; BRUM, Vilma Pinheiro. Criança no esporte. Curitiba: Os autores: 2004.

aprendemos na Universidade. [...] a transferência fica muito mais fácil (Diários de Campo, 19/06/2008; 30/08/2008).”²¹ Os garotos ficam animados quando sentem a possibilidade de realizar movimentos que anteriormente só viam pela televisão. Chutar, passar, cruzar com a perna não predominante (na sua grande maioria as crianças são destras), é motivo de muita satisfação. “Há seis meses meu filho não chutava nem a dois metros de distância do gol com a perna esquerda, hoje a melhora é visível”, confia o pai de “Pedro”. O pai do garoto refez seu planejamento inicial, entendeu muito rápido que seu filho estava nos primeiros passos de um longo processo de aprendizagem (Diários de Campo, 25/02/2008; 12/04/2008; 19/04/2008).

Durante as aulas os professores acentuam constantemente o desenvolvimento da parte física e a pressão psicológica. Interromper a corrida, falta de empenho (ou como se diz na linguagem futebolística, “fazer corpo mole”) ou errar os movimentos, é considerado algo desrespeitoso com o professor e com o grupo. Quando o erro aparece nos treinos repetitivamente, a bronca é contundente, principalmente em se tratando dos garotos da Série Ouro. O professor 2 relatou: “Chegamos ao extremo com os garotos porque em dia de jogo ninguém vai ficar com pena deles, nem os pais [...]. Ou eles se acostumam ou não têm futuro, já vi muito garoto habilidoso desistir, se não agüenta pressão aqui, vai ter que conviver com ela na fábrica, no comércio, a vida é assim” (Diário de Campo, 11/10/2008). Suas observações são fruto de um modelo cultural da modalidade, cujo rendimento e/eficácia são elementos em destaque (Daolio, 1997).

No geral e de forma menos contundente ao futuro dos filhos, os pais apontam para a necessidade da aprendizagem cobrada no campo esportivo, seja expandida aos demais campos da vida. A educação é um o ponto mais salientado²². Os progressos no futebol e na escola têm a mesma cobrança das famílias observadas, e isso ocorre independente do capital econômico. A diferenciação é que as famílias mais abastadas conseguem oferecer cursos complementares como inglês, violão, informática e outros esportes, como as artes marciais²³ (Diário de Campo; 13/05/2008; 09/12/2008).

Pelas observações e conversas entre os pais, seria inoportuno afirmar que as horas despendidas com os treinamentos e com o esforço familiar para acompanhar os jogos e pagar as mensalidades possam representar o grande e único projeto familiar. Independente da classe social,

²¹ O referido citou o livro de Magill *Motor learning: concepts and applications como referência*. Livro que foi traduzido para o português e utilizado nos cursos de Educação Física, atualmente se encontra na 5ª edição. MAGILL, R.A. *Motor learning: concepts and applications*. Iowa, Wm. 5ª Ed. C. Brown, 1989.

²² O Clube cobra os boletins bimestrais das crianças. Durante o período de observação houve cobranças, mas em nenhum momento algum garoto foi impedido de treinar por causa de notas baixas.

²³ As observações mostram que, mesmo em quantidade menor, as crianças de famílias mais humildes também freqüentem alguns cursos citados acima. A diferença maior talvez esteja na qualidade da escola. A grosso modo, considera-se que no Brasil o aumento no número de vagas da rede pública não foi acompanhado em se tratando de qualidade. Filhos de camadas mais abastadas, “teoricamente” desfrutam de educação de maior qualidade nas escolas particulares.

os pais ressaltaram a necessidade e obrigação em ampliar as oportunidades dos filhos.²⁴ Os esforços são em várias direções, ficar a madrugada inteira na fila para conseguir uma vaga numa escola pública de melhor prestígio, pagar cursos considerados fundamentais para inserção no mercado de trabalho, enfim, buscar alternativas que possam ajudar a formação do futuro cidadão²⁵ (Diários de Campo, 25 /11/2007; 25/02/2008).

Para alguns dos pais, a predileção pelo futebol acaba misturando-se à emoção de ver o filho em quadra. Assim, a iniciação esportiva do garoto passa a ser uma diversão familiar, pois o futebol é dinâmico/visível, aflorando sentimentos que dificilmente apareceriam nos cursos de informática ou inglês. Além disso, aventa-se a possibilidade de ampliar o leque social e propiciar ao garoto mais uma oportunidade, que tem suas especificidades, tais como, a possibilidade no futuro de ganhos astronômicos (Diários de Campo, 12/04/2008; 19/04/2008).

Mas o futebol não é a única aposta, como é explicado pelo pai de “Roberto”:

Não há nada de mal em trazer meu garoto aqui, numa idade que alguns dos meus familiares acham tão precoce. Eu me defendo dizendo que ele gosta. Ele gosta de movimento. Ele me disse um dia que gosta da sensação de correr e sentir o vento na cara, de se esquivar dos outros guris [...] eu e minha esposa nos divertimos, sofremos quando ele erra e gritamos muito quando ele marca um gol [...] então isso aqui não é só pra ele [...] nós aprendemos a nos relacionar melhor, não gritamos tanto com ele na quadra como no início do ano [...] e conhecemos um montão de gente, aqui tem filho de médico, motorista, padeiro, engenheiro, é assim, é a vida [...] (Diário de Campo, 02/12/2008).

Em suma, não é só com propiciar futebol aos filhos que tais pais se preocupam. Este esporte é parte importante na vida desses garotos, mas não é a única. A diferença parece estar na especificidade do esporte e as emoções que ocasionam. O futebol pode ter uma dinâmica que, em alguns momentos, lembra a lógica do trabalho: treinos otimizados, o cronômetro, a lapidação do material (humano) bruto, a fabricação (de um craque). Todavia, o esporte tem características próprias:

²⁴ No trabalho de observação foi possível diagnosticar a co-habitação de diferentes classes sociais, mas seria leviano apontar que a maioria das famílias pertence a determinada classe. Neste processo de lapidação, cada família gastou em média cerca de 2,5 salários mínimos (cerca de 350 dólares) por ano, sem contar o custo de transporte e material esportivo.

²⁵ Dois exemplos mostram a preocupação dos pais e a busca num futuro educacional melhor: primeiro, é na procura por bolsas de estudos em escolas particulares. Dois garotos que freqüentavam o Clube, por exemplo, ganharam bolsa integral numa escola particular devido ao fato de terem se destacado no campeonato da Série Ouro. Este ano irão jogar pela Escola que também participa da Série Ouro. O segundo exemplo é a participação de alguns garotos em curso preparatório visando o processo seletivo do Colégio Militar do Paraná. Instituição de renome, que oferta 60 vagas para alunos cujos pais não são militares.

[...] nas modernas sociedades, o esporte veio a ser importante na identificação dos indivíduos com a coletividade à qual eles pertencem; isto é, na formação e expressão do seu “sentimento nosso” e “nós - eu”. Através de sua identificação com times esportivos, as pessoas podem expressar sua identificação com a cidade que ele representa ou talvez com um subgrupo particular, como uma turma ou grupo étnico. Há razões para se crer que, num contexto complexo, fluido e relativamente impessoal da moderna sociedade industrial, associar-se ou identificar-se com um time pode prover as pessoas com um importante apoio de identificação, uma fonte de “sentimentos nossos” e um senso de pertencimento que de outro modo seria uma existência isolada.²⁶

Foi possível identificar o despertar das emoções para os garotos, seus pais e familiares, ocupando conscientemente ou não uma parte central na busca desta atividade esportiva, devido ao fato de tal esporte desempenhar uma função de desrotinização e a necessidade de estar junto com os demais pais na torcida em dias de jogos. Alguns pais confidenciaram em certa ocasião que ficam esperando ansiosamente a tabela mensal dos jogos organizada pela Federação de Futsal (Diário de Campo, 25/02/2008).

Iniciação Esportiva no Futsal, um Processo interdependente

Na maioria das vezes os garotos vêm da escola indicados por um professor de Educação Física ou somente pelo desejo do pai. Essas crianças, com 5/6 anos, pouco conhecem das facetas do mundo do futebol, quiçá do futsal. Aos poucos os garotos começam a enfrentar um duro trabalho exaustivo e rotineiro na aquisição das habilidades motoras. O período aqui focado (dos 5 aos 13 anos) pode ser chamado de aprendizado dos fundamentos básicos desses esportes (Freire, 1998). Muitos pais exploraram nas brincadeiras infantis jogos com bola. É corriqueiro os pais mencionarem a bola como o principal brinquedo da criança e da interação crianças/pais/familiares (Diário de Campo, 25 /11/2007). A experiência motora com a bola – num país onde o esporte mais popular é o futebol –, não é difícil de imaginar que ocorra de forma freqüente. Desde as idades mais tenras é comum, a ponto dos garotos terem esse brinquedo, a bola, antes mesmo de saber andar (Daolio, 1997).

²⁶ Cf. DUNNING, Eric. *Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization*. London/ New York: Routledge, 1999. p. 33.

Outros pais procuram realizar-se pessoalmente por meio do possível sucesso do filho nessa modalidade (Diário de Campo, 25/02/2008). Não é o caso de se perguntar se eles estão certos ao planejarem a vida dos seus filhos dessa maneira. Essa conclusão é apenas uma hipótese de diagnóstico. Qual ser humano pode ter a pretensão de ser juiz em tais assuntos? As idéias de lapidar ao longo de anos as ações motoras e psíquicas estão nos moldes da época, da racionalização/ da disciplina do trabalho incessante/produção em série do controle cirúrgico dos acontecimentos, enfim, afinados com uma sociedade em que se vive, em grande parte, estas situações. Os garotos observados crescem aprendendo que o sucesso financeiro e social se inicia muito precocemente, sendo que o processo de aprendizagem é fundamental – e para alguns uma oportunidade única – de ascensão social e de se alcançar a realização na vida (Diário de Campo, 25/02/2008). Até certo ponto, essa projeção/planejamento que os pais elaboram para seus filhos apresenta um caminhar em conjunto. Enquanto pequenos, ficar com os pais brincando de rolar, chutar, cabecear, rebater uma bola é um tanto prazeroso (Freire, 1998). Conforme vão crescendo e tendo seus pais e familiares por perto nos treinos e nos jogos, na assistência de partidas oficiais na televisão e nos estádios, proporciona às crianças certo ar de segurança²⁷. O que é difícil de provar, é que sensibilidade e aparato motor em jogar futebol estejam presentes desde o nascimento. É mais fácil de entender a conexão entre as peculiaridades que esses garotos são expostos em sua infância e adolescência, por sinal, que se exprime na: aprendizagem motora sistematizada a que são submetidos e na vivência que se cristalizam no cotidiano da família ao inserir-las no mundo do futebol. O entrelaçamento do processo maturacional não aprendido e o processo social de aprendizagem, mostra a necessidade de não só aprender, mas que os seres humanos devem aprender mais. Esse processo maturacional (biológico) e o processo social são interdependentes, o direcionamento da conduta não pode ser atribuído exclusivamente à natureza nem a aprendizagem. (Freire, 1997)

Cada sinal de aprendizagem dos fundamentos do futebol – desenvolvimento do talento – faz com que os pais acabam se realizando pessoalmente. Quando as crianças respondem positivamente os esforços dos pais de levar aos clubes e acompanhá-las no transcorrer deste processo, vendo-as absorvendo com rapidez e executando os exercícios complexos com perfeição, que às vezes excedem em muito as expectativas da própria família, levam os pais às lágrimas de admiração e alegria. Alguns familiares são astutos e prudentes, reconhecendo que o talento dos garotos possa gerar oportunidades futuras para ele e toda a família. Dessa forma, muitos procuram

²⁷ A necessidade de ser amado e a segurança que Mozart sentiu no início do processo de aprendizagem são destacados na obra de ELIAS, Norbert. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

agir como verdadeiros *managers* dos garotos. Em determinados momentos, assumem a postura de professores/educadores, técnicos exaltados, conselheiros, empresários, e por vezes, de pai e amigo.

A aprendizagem do futebol desses garotos passa por um sistema rígido, um controle brutal sobre suas ações, emoções e dos procedimentos dentro e fora de quadra. No saldo positivo do resultado desta experiência, estão os estímulos motores e o controle psicológico que recebem nos jogos e treinamentos, e esses garotos são admirados por isso. Durante a observação dos jogos foram poucos os casos de conduta de pais depreciando os comportamentos dos filhos nos treinamentos e nos jogos. Sempre os garotos recebiam estímulos positivos dos seus progenitores. A Federação de Futebol de Salão obriga a cada final de partida que os jogadores se cumprimentem no centro da quadra, como sinal de respeito e integração, mas interessante como se tornou tradição entre os pais de arremessarem muitas balas na quadra ao final de cada partida, onde vencidos e vencedores se misturam e se unem para pegar esse carinho da torcida. A admiração e estímulos positivos aos pequenos jogadores fazem parte do processo, planejados antecipadamente por alguns pais (Diários de Campo, 25/02/2008; 12/04/2008; 19/04/2008).²⁸

Sair das brincadeiras de futebol no próprio bairro e dos jogos – muitas vezes adaptados por parte do professor de educação física – nas escolas é o primeiro passo para desenvolver o talento. Os pais dos garotos de 13 anos são categóricos quando afirmam que o talento do filho não teria se cristalizado caso não tivesse a oportunidade de vivenciar no clube o rígido programa de treinamento a que foi submetido. Rompendo com as brincadeiras e jogos adaptados e ter a experiência num clube formador é a forma mais adequada apresentada pelos pais para se desenvolver o talento do filho. É de se perguntar se os garotos, apesar de todo talento, teriam se cristalizado, caso na infância e na adolescência, as experiências no clube não tivessem sido proporcionadas.

É possível observar que o comportamento em quadra e os gestos motores são aprendidos durante um longo processo que exige muito esforço e sacrifício, e que depende em parte do planejamento (em alguns casos esse planejamento chega a ser metódico) traçado pelos pais para sua vida. É evidente que o planejamento pode não surtir efeito, caso as oportunidades de aproveitar a riqueza de estímulos motores e psicológicos tenham sido desperdiçados se os garotos a eles expostos não tiverem a necessária receptividade. Aqueles que estão a caminho do triunfo têm como ponto comum a familiaridade intensa e prematura com o futebol estabelecida no transcorrer do cotidiano: a bola como brinquedo, as partidas de futebol assistidas, o tempo despendido da família em levar e assistir os treinos e jogos, a promessa de um futuro promissor por meio dos imagináveis altos ganhos financeiros e a possibilidade de mobilidade social para cima orientando a vida dos

²⁸ Id., *ibidem*.

garotos para uma direção muito específica, bem antes do que ocorre com os demais garotos que não são levados aos clubes.

Neste contexto, o do clube, os garotos são expostos a exercícios que valorizam a aquisição das habilidades motoras, por meio da aprendizagem através do ensaio/erro; os jogos internos propiciam um ajuste corporal e domínio do corpo em relação ao espaço e o tempo; e, finalmente, os jogos amistosos e oficiais com assistências numerosas (torcidas pró e contra) é um teste para o emocional. A energia desses garotos está concentrada, desde muito cedo em processos específicos de sublimação que, ao invés de se oporem ao processo de aprendizagem, o suportam e procuram criar novas situações, ampliando as possibilidades de surpreender seus adversários. Isso explica em parte como é indissolúvel o vínculo entre a especialização no futebol bastante prematura e o desenvolvimento humano mais geral.²⁹

Conscientemente ou não os pais guiam os impulsos das crianças, orientando boa parte do seu cotidiano e suas fantasias para este dois canais: a busca pela prática do futebol e pelos conhecimentos proporcionados pela escola. A aprendizagem intensiva dos garotos envolve muitas possibilidades, mas é certo que o futebol torna-se a parte central na infância e na juventude de muitos deles, por meio de exaustivo trabalho – muito próximo das características de trabalho profissional nas grandes empresas.

Os garotos não são insensíveis aos pequenos gestos de apoio de seus familiares ou de afeto, amizade, camaradagem e emoções sentidas em cada vitória ou derrota sempre compartilhadas com seus colegas. Também das palavras de superação de seus professores, dos aplausos e vaias das torcidas, da cobertura da imprensa e de seus nomes divulgados nos *sites* da federação e dos clubes, das recompensas materiais como medalhas, troféus e outros como a distinção outorgadas pela Câmara Municipal a cada final de temporada aos eleitos como melhores jogadores (Diário de Campo, 09/12/2008).

A caminho do triunfo, os garotos são submetidos a um regime estimulante de aprendizagem, mas extremamente severo. Não é de se surpreender que logo tenham desenvolvidos uma sensibilidade aguda na parte técnica e tática do jogo. O fato de que uma aprendizagem, assim, especializada, os tenham capacitado a ter performances surpreendentes no futsal, talvez seja menos surpreendente do que o fato delas causarem algumas desistências nos clubes, alguns garotos não se vergaram ao processo de aprendizagem.

Tendo em vista o tempo de duração da pesquisa, apenas um ano, as observações se limitaram apenas até os meninos de 13 anos de idade. O objetivo do texto foi de tentar

²⁹ Cf. ELIAS, Norbert. Sobre seres humanos e suas emoções: um ensaio processual-sociológico. In: *Theory, Culture and Society*, 4, 1987.

compreender um pouco melhor como foi o transcurso desse grupo de crianças e adolescentes (e seus respectivos pais) no mundo do futebol foi plenamente efetivado. Na atualidade o número de clubes e conseqüentemente de adolescentes que buscam essa profissionalização é crescente no Brasil. Os talentos que muitos “olheiros” descobriam antigamente nos campos de várzea agora são substituídos por indivíduos com um longo processo de aquisição de habilidades motoras. A aprendizagem, a sublimação e novas formas de comportamento são necessárias. Somam-se a isso a necessidade impostas pelos pais da continuidade dos estudos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- Confederação Brasileira de Futebol de Salão. (Site <http://www.cbfs.com.br>)
- CAMPOS, Wagner de; BRUM, Vilma Pinheiro. *Criança no esporte*. Curitiba: Os autores: 2004.
- DAMATTA, Roberto. O carnaval como rito de passagem. In: DA MATTA, Roberto. *Ensaio de antropologia Estrutural*. 2ª Ed.: Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes; 1997.
- DAOLIO, J. *Cultura, Educação Física e Futebol*. Campinas: Unicamp, 1997.
- DUNNING, Eric. *Sport Matters: sociological studies of Sport, violence and civilization*. London/ New York; Routledge, 1999.
- DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre, 2005 (Tese de Doutorado)
- ELIAS, Norbert. Sobre seres humanos e suas emoções: um ensaio processual-sociológico. In: *Theory, Culture and Society*, 4, 1987.
- _____. *O processo civilizador*. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.
- _____. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro – teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1997.
- _____. *Pedagogia do Futebol*. Londrina: Midiograf, 1998.
- HEGEL, G. W. *Estética: o belo artístico e o ideal*. 3ª Ed., São Paulo: Abril Cultural, 1985 (Os Pensadores)
- KANT, I. *Da arte e do gênio: crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- MAGILL, R. A. *Motor learning: concepts and applications*. Iowa, Wm. 5ª Ed. C. Brown, 1989.
- MALINA, Robert M.; BOUCHARD, Claude . *Atividade Física do atleta Jovem; do crescimento a maturação*. 1ª Ed. São Paulo; Roca: 2002.
- SAMPAIO, Helena. *O Ensino Superior em Transformação*, São Paulo, Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (NUPES/USP), mar/ 2000.
- SCAGLIA, A. J. *O Futebol que se aprende e se ensina*. Campinas, Unicamp, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- SCHWARTZMAN, Simon. A Revolução Silenciosa do Ensino Superior. In: RIBEIRO, Eunice;
- WEINECK, Jürgen. *Biologia do Esporte*. São Paulo. Manole, 2000 (em especial o Capítulo V – Juventude e esporte)